

A LEITURA DO DESENHO ENQUANTO PRODUÇÃO SIMBÓLICA NA SALA DE AULA

Jean Pedro André da SILVA¹
Prof. Msc. Andréa Egydio de CARVALHO

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo instigar no educador um olhar mais atento sobre as produções visuais e simbólicas de seus educandos, já que o desenho dentro da sala de aula muitas vezes é visto como uma prática que visa apenas a técnica e qualidade. O tema desse projeto foi escolhido com base na vivência do professor pesquisador em sala de aula e também em análises advindas da abordagem da psicologia analítica e da psicanálise como forma de entender como os elementos visuais que compõe uma obra podem fornecer elementos importantes sobre o aluno. Busca-se apresentar as teorias sobre a relação do inconsciente presente no símbolo e como o processo simbólico se desenvolve na criança. Salienta-se também qual a atuação do professor diante as análises simbólicas, já que uma análise mais investigativa só é feita por um profissional especializado. A metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica.

PALAVRA-CHAVE

Arte; Educação; Processo simbólico; Desenvolvimento infantil.

1. INTRODUÇÃO

Há muito tempo vários estudiosos buscam entender a relação do indivíduo e do símbolo. Desde antes da escrita o homem já contava com uma simbologia rudimentar, os desenhos nas paredes das cavernas do homem primitivo foram os primeiros símbolos de produção humana, a arte então muda na medida em que o homem e o mundo mudam, sendo sempre um retrato de quem a produz e também de sua época.

A arte nesse artigo é considerada como uma expressão simbólica natural, deixando de lado conceitos estéticos ou qualquer outra discussão que busque a qualificar ou classificar.

¹ Graduando em Artes da Faculdades Integradas Regionais de Avaré – FIRA-18700-902-Avaré-SP-Brasil.
pedrojean225@gmail.com.

Então, partindo desse ponto, a arte e o símbolo estarão intrinsecamente ligados e acompanharão todo o processo de desenvolvimento do indivíduo, assumindo o papel de externizar emoções, sentimentos e comportamentos que uma criança pode apresentar dificuldade de verbalizar. A criança desenha o que sente, segundo Rosa (2016, p.12)

Quando a criança se encontra segura em suas relações afetivas, ela se expressa de maneira elucidativa no traçado do desenho, nas cores que ela usa para pintar. O desenho, portanto, auxilia o professor no trato e no trabalho com a criança, já que indica seu estado emocional.

O símbolo passa a ser um canal de comunicação entre campos inconscientes e conscientes da criança em relação a si e o mundo. Jung *et al* (2020, p.18) afirma que:

O que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós.

Para entender qual a relação entre a arte, o símbolo e o indivíduo, tenhamos como base o símbolo dentro da área específica da psicologia, (psicanálise e psicologia analítica) e a prática em sala de aula. As duas áreas estão ligadas na medida em que possibilitam a prática da arte enquanto processo de produção simbólica da criança a fim de um melhor entendimento sobre a mesma.

Alguns professores usam de uma metodologia que ignora o aluno enquanto ser social busca-se apenas a reprodução ou então a supervalorização da técnica, deixando de lado o fazer criativo e a imaginação. Esse distanciamento impossibilita que o professor possa fazer uma leitura das obras de seus educandos, pois tais obras passam a não ter nada da criança em si.

A arte é um produto de relações do consciente e do inconsciente (JUNG *et al.*, 2020) que são ainda mais transparentes nas produções infantis, pois, um contato ainda incipiente em relação à estética e classificação artística permite a criança uma maior sinceridade em suas obras.

Esse artigo tem como objetivo instigar um olhar sensível do educador sobre as obras de seus educandos.

A partir de um estudo bibliográfico buscam-se bases teóricas para que o professor possa desenvolver uma leitura mais atenciosa sobre as obras dentro de sua área de atuação.

Nada substitui o diagnóstico de um profissional especializado, o símbolo no desenho dentro da sala de aula servira como uma ferramenta para entender melhor o educando, mas nunca como uma prova definitiva.

O artigo se divide em 3 capítulos: a introdução, onde se apresenta os pontos que serão tratados no estudo; o segundo capítulo apresentando as bases teóricas em relação ao símbolo e a análise simbólica; e por último, as considerações finais destacando o papel do professor.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Carl Gustav Jung e o símbolo para o desenvolvimento infantil

Muito do que é conhecido sobre símbolo teve início com base nas teorias de Jung. O Psicólogo analítico, Carl Gustav Jung (1875-1961) teve seus estudos fundamentados na ideia da psique, um sistema complexo responsável por reunir todos os campos da personalidade de um indivíduo (sentimento, pensamento e comportamento). A psique funciona como um sistema regulador o qual irá mediar a relação do indivíduo com o meio, trazendo equilíbrio (JUNG, 2000).

A psique é dividida em dois campos, o campo consciente e o campo inconsciente, O campo consciente tem como centro o ego que tem origem no arquétipo *Self* e que se baseiam em todas as qualidades, sensações, lembranças que o indivíduo carrega em relação a si e ao meio (JUNG *et al.*, 2020).

O campo inconsciente é dividido entre duas camadas, o pessoal e o coletivo. O inconsciente pessoal é onde se encontra todas as experiências e emoções reprimidas do indivíduo as quais podem influenciar diretamente em sua vida, é o campo onde ficam todas as memórias de situações traumáticas e desagradáveis, mesmo que haja um esforço para reprimi-las elas estarão lá armazenadas (JUNG, 2002).

O inconsciente coletivo, diferente do pessoal, engloba os elementos da natureza do ser humano no geral, é nele onde se encontram os arquétipos, os quais são representações de estruturas ideais que se projetam para além da Psique. Segundo Jung (2002, p.17) “O arquétipo apresenta essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta” O principal arquétipo para entender o indivíduo em sua

particularidade é o *Self*, que consiste na junção do consciente e o inconsciente como forma de representar a psique em um modo geral.

Jung *et al.* (2020) desenvolve a ideia do símbolo, que corresponde em uma produção espontânea de nossa psique, tal símbolo pode ter origem de aspectos conscientes e inconscientes. Ou seja, em uma análise simbólica, pode se ter tantos aspectos pessoais, quantos aspectos do coletivo.

A psicologia analítica se desenvolveu a partir dos estudos de Jung que teve uma grande colaboração com o fundador da psicanálise Sigmund Freud (1856-1939), seus estudos se diferiram na teoria do inconsciente, enquanto para Freud a sexualidade era o ponto chave da psique, Jung acreditava que o inconsciente carregava mais do que impulsos sexuais, era além de tudo um sistema complexo que carregava informações presentes a gerações. Apesar de suas diferenças podemos tratar os estudos de ambos de forma complementar, ambos tratam do símbolo e sua relação com a personalidade do indivíduo.

Para a psicologia junguiana a criança progride em seu processo simbólico à medida que desenvolve o *Self*, ou seja, o arquétipo responsável pela junção do consciente e inconsciente. Segundo o neurologista e psiquiatra José Hercules Golfeto (1989, p.88):

É após o primeiro ano de vida que o self da criança - ou o centro da personalidade - se separa da mãe. Inicia-se, então, o segundo ano de vida, a criança está se separando da unidade original e vai experimentando cada vez mais um relacionamento com a mãe. A segurança que brota deste relacionamento é a base para a terceira fase de vida da criança que se inicia por volta do final do segundo e início do terceiro ano de vida. Durante esta fase, o self se estabiliza no inconsciente da criança e começa a se manifestar através de símbolos de totalidade. Assim, a criança então brinca, desenha pinta, comporta-se e fala na antiga linguagem simbólica, com a qual o ser humano tem expressado, quer consciente ou inconscientemente, através de todos os estratos de cultura, esta totalidade, o "si-mesmo" ou self.

2.2 A análise simbólica

A relação de desenvolvimento simbólico da criança está ligada em suas relações com o meio, no caso, com o convívio familiar e mais tarde com o convívio no meio escolar. A produção artística infantil nesse momento será um reflexo dessas relações, e de como a criança lida de forma afetiva e emocional com tais campos.

Segundo o Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica (2019) a produção da criança apresenta inúmeras mensagens implícitas das quais um profissional pode mediante protocolos específicos realizar uma interpretação.

Dentro da sala de aula é possível fazer uma análise não só do produto, mas também da produção, durante o processo de criação o aluno revela informações importantes para um maior entendimento de um possível problema, por exemplo, uma criança que apresenta movimentos e traços firmes pode estar angustiada, ou então uma criança que se exalta ou que apresenta inquietação ou dispersão durante o processo de criação, pode ter alguma dificuldade de atenção (IBPC, 2019).

Lembrando sempre, esses comportamentos são pistas das quais o professor deve se atentar em uma análise voltada para a prática em sala de aula e para uma possível melhoria de bem estar do aluno (IBPC, 2019).

Outro fator a ser considerado são as cores. A psicanálise clínica busca entender cores e quais são suas relações com o inconsciente do indivíduo, atribuindo possíveis significados. Segundo o IBPC (2019):

As cores exalam mensagens não verbais e inconscientemente a criança transpira suas emoções por meio delas. Contudo, é preciso deixar claro que o uso de uma única cor pode demonstrar falta de criatividade ou preguiça. Ademais, as cores acabam por serem usadas com este significado:

Marrom: planejamento e segurança;

Preto: inconsciente;

Azul: tranquilidade;

Verde: maturidade, intuição e sensibilidade;

Amarelo: alegria, curiosidade;

Laranja: necessidade em ter contato social;

Vermelho: ardor, o que é ativo ou forte.

Outro elemento visual a ser considerado é o traço, que pode indicar se o aluno é inseguro ou impulsivo, caso o traço seja falho ou apagado, ou então se o aluno for mais confiante, caso o traço seja contínuo e evidente. Outro ponto é a dimensão e também o posicionamento do desenho. (IBPC, 2019).

Desenhos pequenos indicam pouca confiança, enquanto grandes, indicam crianças seguras (IBPC, 2019).

O desenho posicionado no lado superior da folha indica imaginação, enquanto em baixo indica necessidades físicas. Também deve se atentar ao fato de em alguns casos,

crianças apresentarem a repetição de símbolos ou temáticas em seus desenhos, pode ser um sinal de alerta pra algo que a criança não consegue verbalizar (IBPC, 2019).

Crianças que passaram por situações traumáticas e abusivas tendem a representar cenas de violência, fato que só será comprovado por um especialista mediante investigação da situação (IBPC, 2019).

Segundo a educadora especializada em psicopedagogia clínica e institucional Polliana Rosa Benedito (2016, p.10).

Na fase inicial da escolaridade, o desenho é a primeira forma de contato da criança com seu mundo e com o mundo exterior – enquanto – professora, nos anos de docência aprendeu a compreender o desenho também como reflexo dos olhos da alma da criança. Nas séries seguintes de alfabetização, no entanto, o desenho é deixado de lado, ou é mal utilizado, pelos professores.

A psicopedagoga evidencia também o desenvolvimento da garatuja, uma espécie de “rabisco” ou desenho rudimentar com formas ilegíveis produzidos pelas crianças.

Muitos estudiosos chamam a atenção para as garatujas: os primeiros traçados feitos pela criança, que são feitos de maneira arbitrária e desordenada. As garatujas se manifestam por volta dos dois anos de idade, quando aos poucos a criança começa a controlar seus movimentos motores de forma ainda primitiva, mas começa a ter ações e reações combinadas ou aleatórias. A partir dos três anos de idade a criança passa a produzir círculos, rabiscos e tenta manusear canetas e lápis, imitando o adulto.

Nem todas as garatujas feitas pela criança podem ter um significado real para ela, principalmente nessa fase de descoordenação psicomotora. Passado esse momento, um pedaço de tijolo, carvão, pedra ou giz se torna um pincel mágico na vida da criança, pois nos anos seguintes ela começa a idealizar pensamentos, figuras reais e simbólicas para seus desenhos, mesmo que muitos deles sejam indecifráveis. (Polliana, 2016, p.10 a 11).

Rosa (2016) realizou uma análise tendo como materiais diversos desenhos de crianças com idades diferentes. Muitos desenhos coletados não entraram para o livro por serem muito denunciantes ou muito fantasiosos.

É importante evidenciar que comportamento, idade e nível de desenvolvimento social, emocional e motor de uma criança poderão influenciar o resultado final do desenho, Embora alguns desenhos sejam “provas projetivas”, os mesmos não foram aplicados com intuito avaliativo na pesquisa. (p. 30)

Como vemos a seguir, dentro do livro, Rosa (2016) evidencia os principais aspectos observados dentro do desenho da criança.

Figura 1 – Menino, nove anos, em fase de alfabetização/fundamental I. Desenho 2, esse sou eu

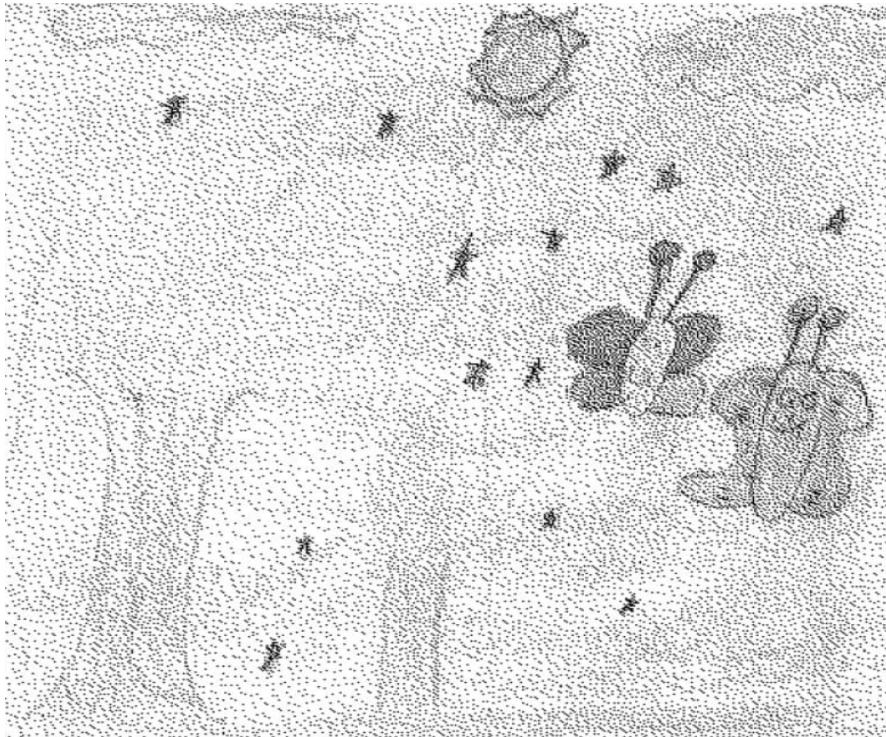


Segundo Rosa (2016) o menino autor do desenho (Figura 1) tem dificuldade de escrita e leitura e comunica-se muito pouco. O desenho é intitulado “Este sou eu”. Segundo a autora, a criança apresenta desvalorização pessoal, indicado pela cabeça deformada. Instabilidade e confusão emocional pelo movimento e traços confusos do desenho, já o cabelo bagunçado dá-se ao fato da dificuldade de organização mental, dificuldade de compreensão e indisciplina, e o fato dos pés não encostarem-se ao chão transmite insegurança, e os dedos da mão mal formados indica falta de afetividade. A casa é um símbolo importante dentro desta obra, da maneira que foi desenhada transmite dificuldade familiar/social e afetiva.

A psicopedagoga também realizou com esse mesmo paciente uma técnica projetiva que consiste na produção de um desenho dado uma determinada situação, nesse caso foi usado à família educativa, onde se pode constar ansiedade pelas figuras disformes e pela pressão no lápis. A criança não finalizou o desenho, apagando no final um dos membros da família, indicando problema familiar.

Com o resultado a psicopedagoga recomendou que o aluno fosse encaminhado para a sala de recursos e tivesse acompanhamento com a equipe multidisciplinar.

Fig. 2 – Menina, cinco anos, educação infantil. Desenho 2



Neste outro desenho autora indica a representação da natureza como um símbolo que expressa a paixão pela vida/natureza e características positivas.

Os olhos grandes simbolizam o interesse pelo mundo, pelas pessoas e por aprender. O uso do símbolo da estrela representa uma criança com facilidade para dormir e com bom desempenho em horários noturnos. Outro símbolo usado foi a boca grande, que segundo Rosa (2016) representa pessoas comunicativas e também uma carência afetiva.

Tendo em vista a importância do símbolo e da prática da arte compete ao professor à valorização dessa linguagem, buscando desenvolver um olhar mais atento sobre o apreciar. Isso se faz necessário para que o educador não corra o risco de menosprezar as produções de seus educandos. A sala de aula deve ser um ambiente acolhedor, onde é respeitada a livre expressão do aluno.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante delimitar a área de atuação do educador no que diz respeito a essas possíveis interpretações, não cabe ao professor por si só diagnosticar um aluno, ou estigmatizar o mesmo em relação as suas produções, mas ele deve sim, manter um olhar sensível a tais produções, já que um olhar atento pode identificar possíveis problemas em relação ao desenvolvimento cognitivo, emocional e expressivo da criança, como também de questões sociais e afetivas.

A prática dessas análises deve permear o processo criativo e pedagógico contínuo do aluno, deve ser vista como uma possibilidade de instrumento avaliativo sem caráter classificatório. A cada desenho ou pintura proposta em sala de aula, observar sempre as questões comportamentais no processo e os componentes visuais da obra final.

A arte então nesse sentido funciona como a expressão simbólica espontânea que ira fornecer pistas para que os educadores junto a uma equipe multidisciplinar busquem a melhor forma de atender determinadas questões para dar apoio e proporcionar a melhoria do bem-estar do aluno.

4- REFERÊNCIAS

Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica, **A psicologia na interpretação de desenhos infantis**. 2019. Disponível em <https://www.psicanaliseclinica.com/interpretacao-de-desenhos-infantis/>. Acesso em: 16 de nov. de 2020.

GOLFETO, José Hércules. **Psicoterapia Infantil: uma abordagem Junguiana**. Rio de Janeiro, Arquivos Brasileiros de Psicologia, biblioteca digital 1989.

JUNG, Carl Gustav (*et al.*). **O homem e seus símbolos**. Nova edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2020.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2ª edição, Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

_____. **A Natureza da psique**. 5ª edição, Petrópolis, Editora Vozes, 2000.

ROSA, Polliana Benedito. **A interpretação do desenho infantil: uma reflexão analítica**. 1ª edição, Curitiba, Editora Appris, 2016.